



**ROMPENDO AS**

**CORRENTES**

**DO MAAFA**

**ANNI DOMINGO**



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2023



Amostra

# PARTE UM





# PRÓLOGO

A kì í dúbùlè ní ilè ká yí subú

*Não se pode cair quando já se está no chão*

**DEZEMBRO DE 1846**

**D**espidos de tudo, exceto por nossas peles pretas, nossas marcas de escarificação, nossa essência, somos amarrados, juntos, em fileiras e jogados em outro abismo digno do *juju*<sup>1</sup>, tão amontoados que ninguém consegue se mexer. Ficamos deitados de lado, sentindo as placas de madeira ásperas na pele exposta, friccionando os ombros até ferir, acorrentados aos vivos e aos mortos.

Agora conheço o cheiro do medo. É o cheiro de homens adultos grunhindo, suando e fedendo. O medo é mulheres chorando, uivando e implorando aos ancestrais para salvarem a elas e aos filhos antes que eles se percam na *Mamiwata*, Mãe d'Água.

Ao meu redor ouve-se o arrastar de correntes e o estalar de chicotes enquanto as velas balançam, as tábuas rangem e as cordas se distendem. No espaço abarrotado, o barulho gira dentro da minha cabeça latejante, enquanto atinge as laterais amadeiradas do navio sacolejante, reverberando pensamentos ferozes e medos sombrios em minha mente. Sinto os uivos daqueles ao meu redor, aqueles acima e abaixo de mim, atravessando meu corpo. O chamado de *Ochoema*, o pássaro da despedida, faz meu coração bater forte, mantendo-me presa, antes de desvanecer na escuridão, mas me deixar com a dor.

---

1 O termo “juju” se refere a um conjunto tradicional de crenças animistas comuns na África Ocidental que representaria a magia maléfica. É relacionado geralmente ao que é sobrenatural, poderoso e assustador; atos realizados por seres malignos.

Afundo no assoalho e choro como nunca fiz antes em todas as minhas 14 primaveras. *Ayeeeee. Ogum*, deus dos deuses, me ajude.

Através das lágrimas, vejo tudo o que já fora. Meu coração fica apertado quando penso em Salimatu, minha irmã, a filha da minha mãe, capturada e vendida, para os mouros? Para os demônios brancos? Ali, por trás dos meus olhos, bem lá no fundo, estão os corpos espirituais da minha mãe, Isatu, e de meu pai, Dauda, que já partiram para a terra dos nossos ancestrais, sem a merecida honra. Vejo outros também: Maluuma, mãe da minha mãe; Lansana, o primeiro filho do meu pai, que também partiram. Temo que Amadu, o último filho do meu pai, também tenha se juntado aos ancestrais. Não o vejo desde que ele fugiu, mas poderia ele estar aqui neste abismo, neste buraco do demônio feito de madeira, sem saber que estou por perto?

— Amadu, Amadu, filho do Chefe Dauda dos Talaremba perto de Okeadon — clamo, de novo e de novo.

— Quem chama por Amadu dos Talaremba, tão alto?

— Fatmata, irmã dele.

— Eles não o pegaram — responde o homem. — Ele não parou de correr. Sangtigue e o homem branco não tinham tempo de ir atrás dele.

Reconheço a voz. É Leye, o homem que fala a língua do homem branco.

O alívio que sinto transborda em minhas palavras.

— *Olorum*, criador do povo *Egbado*. Louvado seja; abençoado seja. Eu lhe agradeço.

Há gritos altos em diversos idiomas de povos diferentes.

— Agora eles vão nos matar e nos comer — diz alguém.

— Somos sacrifícios aos deuses deles e à *Mamiwata* — afirma outra pessoa; os gritos ficam mais altos.

*Mamiwata*? Lembro o que minha avó, Maluuma, me contou há muito tempo. *Mamiwata*, deusa da água, arrasta aqueles que a perturbam para as profundezas do submundo aquático, para se juntarem aos ancestrais. *Ayee, ayee*.

— Não — contrapõe Leye —, esta grande canoa, este navio, vai nos levar para muito, muito longe, para sermos vendidos para o povo do homem branco. Já fizemos isto antes, muitas vezes. Eles me pegaram uma vez, mas escapei e voltei para a terra dos meus ancestrais, como um homem livre. Agora estou aqui de novo, amarrado, mais uma vez um escravizado. Juro por todos os deuses que não vou voltar para aquela vida, vou escapar de novo ou morrer tentando.

O som dos lamentos se intensifica de novo, roubando o pouco de ar que ainda resta. Inspiro a amargura. No escuro, tateio em busca do meu amuleto e acaricio a pedra em formato de coração que Maluuma me deu antes de fazer a sua passagem, duas estações chuvosas atrás. Maluuma, que soubera, ouvira e vira tudo, mesmo antes de ir se juntar ao *Olorum*, o divino criador de todo o povo Talaremba.

— Maluuma, não me deixe — sussurro. — Eles estão me levando embora, me levando para longe de tudo. Me ajude a encontrar meu caminho, pois estou temerosa.

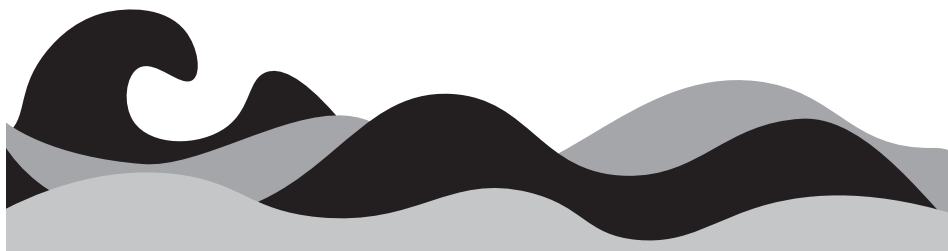
Ouçõ a voz da minha avó, não estou mais sozinha, não estou mais com medo de desaparecer, como Jabeza, Lansana e Salimatu. As palavras dela estão no vento que faz as tábuas do navio rangerem e as velas esvoaçantes cantarem.

— *Ouçã, minha filha, o medo está nos olhos, no coração, na mente. O medo fede a suor, podridão, morte. Encare seus medos amargos como a aloína, e eles desaparecerão. Estou com você, minha filha. Sempre estarei com você. Sou parte de você, então a mim nunca perderá.*

Sei que devo me lembrar das palavras que surgem com o primeiro choro do bebê e permanecem até o último suspiro deixar o corpo sem vida. Devo me lembrar das palavras escondidas em meus ossos e do sangue que se infiltrou no solo, debaixo das mangueiras. Devo viver para que eu possa entregar as palavras às minhas futuras filhas, às filhas das minhas filhas, às filhas das filhas da minha filha, e assim por adiante. Elas saberão que os ancestrais estiveram aqui, antes de os navios trazerem o demônio branco, antes que nosso próprio povo nos vendesse, antes de conhecermos o sofrimento das correntes *maafa* que agora nos atam, antes de eu me tornar uma filha sem mãe, sem pai. Não importa para onde o homem branco me leve, ele não pode roubar minhas raízes.

Lá no fundo ouço o chamado de tambores falantes, gritando meu nome, Fatmata, Fatu. Minhas palavras, meus pensamentos, minha vida, são golpeados contra meus ossos, meu cheiro, dentro da minha carne, para sempre. Um grande sentimento de perda me assola, inundando-me de tristeza e amargura. Tento ignorar a dor que a marca brutal da escravidão causa no meu ombro esquerdo. Em vez disso, toco as marcas ainda cicatrizantes da tatuagem ritualística que fiz em mim mesma e na minha irmã Salimatu — a tatuagem de um macaco que representa que não importa onde eles nos levem, somos do povo Talaremba, e guerreiras, mesmo que sejamos meninas.

*Oduduá*, deusa de todas as mulheres, me ajude. Devo me lembrar, vou me lembrar, eu de fato me lembro.



SALIMATU

## CAPÍTULO 1

*Então clamarão a mim, mas eu não responderei*

Provérbios 1:28

**AGOSTO DE 1850**

Quando o navio *HMS Bonetta* chegava à Inglaterra, Salimatu desaparecia e ela se tornava Sarah. Depois de mais de quatro semanas no mar, Sarah tinha aprendido muita coisa, principalmente como reprimir Salimatu, a garota escravizada que um dia fora. Era o seu eu Sarah, não Salimatu, que conseguia ler palavras básicas e fazer somas simples com o ábaco. Era Sarah quem amava a música que as contas produziam quando ela as movia de um lado a outro, adicionando algumas e retirando outras. E era Sarah também quem não cantava mais a música de *Oduduá*, mesmo que ainda, de alguma forma, pensamentos sobre a amada Fatmata sempre estivessem em sua mente.

O cais em Gravesend era bastante diferente daquele que tinham deixado para trás em Abomey. Ainda que Papai Forbes lhe tenha orientado a ficar na parte de baixo, Sarah foi até o convés, atraída por sons e aromas desconhecidos. Ela abotoou o casaco e calçou as luvas. Mesmo assim sentiu frio em meio ao amanhecer de setembro. Tremeu e tossiu com intensidade, pressionando o ponto que doía no peito.

Era a tosse de Salimatu, e Sarah queria que desaparecesse. Papai Forbes tinha dito que cessaria quando chegassem à Inglaterra. Ela temia tossir até cuspir sangue como acontecera com Jed, o cozinheiro do *Bonetta*, que usava uma perna de pau. Ele costumava cuspir em um balde na cozinha ou em um pedaço de pano sujo

manchado de sangue seco e escuro. Ela não gostava de sangue. Sarah respirou fundo o ar úmido e esfumaçado, e Salimatu tossiu em resultado.

Enquanto o sol tentava abrir espaço em meio à névoa do início da manhã, Sarah viu outros navios indistintos, grandes e pequenos, ancorados ao cais, mal se movendo no nevoeiro, como se advindos de outro mundo. Mesmo o cais barulhento estando sujo, fedorento e assustador, ela ficou ali, observando as pessoas rindo próximas à doca; os marujos do *Bonetta* correndo para cima e para baixo na prancha, empurrando ou puxando mercadorias destinadas a armazéns gigantescos, transportando-as com destreza do navio à costa. Depois de tanto tempo em alto-mar, eles não tinham tempo de cantar para ela sobre Sally Brown. Nem para dizer adeus. Estavam ansiosos para caminhar sobre terra firme, chegar às suas casas e famílias. Aqueles que não tinham casa mal podiam esperar para chegar aos bares, dissera o Comandante Heard.

Uma vez que tinham alcançado a Inglaterra, Sarah desejava saber para onde estava indo. E, com mais suavidade, ela se perguntou: estaria Fatmata lá para encontrá-la?

— Não — sussurrou Salimatu, seu outro eu. — Teremos que ir em busca dela.

Sarah balançou a cabeça, como se para se livrar de Salimatu, quem desejava que desaparecesse. Estava cansada de sempre lutar consigo mesma, sempre tentando conter o eu-Salimatu, enterrá-lo nas profundezas de seu ser. Ela tinha que continuar dizendo a si mesma: não sou mais Salimatu com os seus pensamentos e medos antigos — agora sou Sarah com novos medos. Mas manter Salimatu sob controle nem sempre funcionava, pois de repente ela estaria ali, sussurrando, e às vezes gritando em seu ouvido.

Desamparada, voltou ao centro do convés, sentou-se em um saco grande junto a caixotes de madeira e esperou que o Capitão Forbes aparecesse para buscá-la. Todos tinham ido embora, com exceção de Amos, o contramestre do navio, quem estava a bordo, de guarda. Ele não gostava de ter mulheres nem meninas no navio. Dizia que davam azar. Ele olhou para ela sentada ali, como uma dama, com os pés revestidos por sapatos de couro cinza-claro e, com escárnio, pigarreou e cuspiu. O escarro caiu próximo aos pés dela, mas não a atingiu. Ainda assim, quando o Capitão Forbes apareceu, ela correu para perto dele, com os olhos focando no chão, para evitar a visão do pavoroso Amos e da boca imunda dele.

Enquanto Sarah e o capitão desciam do barco para o cais, Sarah, assoberbada com tudo ao redor sendo tão desconhecido, chegou mais para perto do Capitão Forbes, descansando a cabeça no braço dele, mal mantendo os olhos abertos.

— Olhe para cima, Sarah — orientou ele, evidentemente sentindo pena dela, a menina sendo a própria imagem da infelicidade enquanto seguiam caminho.

A voz dele a encorajou e, ao abrir os olhos para a multidão, ela teve a súbita sensação de calma, até mesmo uma onda de entusiasmo, mas quando viu cavalos enormes, com uma crina densa cobrindo os olhos e lufadas de ar cinza emanando dos narizes, ali, amarrados à carruagem, Sarah congelou no lugar. Ainda que tivesse acontecido cinco safras antes, ela se lembrava de como, depois que Santigie a tinha vendido para os mouros, ela fora jogada em um cavalo enorme e levada para longe de Fatmata, para longe de tudo o que conheceu até aquele momento.

Ela choramingou, apontando para os cavalos bufantes.

— Não, não.

— Não tenha medo. Eles não vão te machucar — garantiu o Capitão Forbes, erguendo-a para dentro da carruagem.

Ela tremia; ele colocou um cobertor em cima das pernas dela.

— Você está com frio. Logo vai se acostumar com o nosso clima — afirmou ele de modo reconfortante.

Sim, ela estava com frio, congelando, mas não era aquela a razão de estar tremendo.

— Para onde estamos indo agora, Papai Forbes? Ver a Rainha? — questionou ela enfim.

— Não, não, cara criança — respondeu o Capitão com uma risada. — A rainha se encontra com poucos de seus súditos. Vamos para a estação de trem e então para casa.

Não para ver a Rainha? Ele não tinha dito que ela seria um presente especial para a Rainha? *Como posso ser um presente para a Rainha se ela nem me encontrará,* ponderou Sarah. Os olhos dela ardiavam graças às lágrimas contidas. Se não pertencia à rainha, afinal, o que seria dela?

Ela apertou o longo cinto de couro da carruagem que a prendia ao assento e olhou para o lado de fora. Havia tanta coisa para ver. A carruagem balançou, e o som dos cascos dos cavalos estalou alto no pavimento. Edifícios se erguiam acima deles. *Seria possível que balançassem com o vento, como as árvores, então caíssem e os esmagassem,* ponderou ela. Ela nunca tinha visto tantas pessoas, todas andando apressadas, um borrão diante de seus olhos. As carruagens se entrecruzavam tão de perto que a faziam arfar de novo e de novo. Ela tinha certeza de que trombariam uma com a outra.



Chegando à estação, ela segurou com força a mão do Capitão, ainda mais assustada com o tamanho da entrada da estação, o cheiro forte e estranho das pessoas, a fumaça, o barulho. Quando o trem chegou, serpenteando para dentro da estação com guinchos, bramidos, arrotos, fuligem e nuvens de vapor no ar, ela gritou e se escondeu atrás do Capitão.

— *Juju, juju* — bradaram Salimatu e Sarah como uma só.

— Não. Esse é o trem — explicou Capitão Forbes com calma, percebendo os olhares curiosos das pessoas próximas enquanto os gritos de Sarah tomavam o local. Movendo-a para sair de trás dele, comandou: — Pare com isso, Sarah, pare agora mesmo.

— Não, o *juju* vem nos pegar — clamou Sarah em iorubá, esquecendo-se do inglês que aprendera recentemente.

— O que ela está dizendo, mamãe? — perguntou um menininho vestido de modo elegante, puxando o casaco vermelho da mãe.

— Chiu, Ernest — respondeu a mulher, pressionando os lábios e estendendo um dedo longo e vertical que dissecava a garota com precisão. — Ela é estrangeira, não sabe falar inglês.

Com aquilo, o Capitão Forbes segurou Sarah, que ainda lamentava, e caminhou com rapidez pela plataforma até o compartimento da primeira classe, no qual embarcou sem demora. Ele fez com que ela se sentasse e fechou a porta.

— Pare de chorar, por favor — pediu ele, oferecendo um lenço a ela. — Não há demônios aqui. E tente falar só em inglês a partir de agora.

Sarah não respondeu. Em vez daquilo, enquanto o trem se movia, ela ouviu Salimatu sussurrar:

— *Ayee*, estamos dentro da barriga do *juju*.

Primeiro a plataforma e as pessoas, então as casas, as árvores, mesmo as nuvens desaparecendo em um borrão enquanto o trem se movia depressa, sacolejando e guinchando uma nova canção: *juju, juju, juju, juju*.

O corpo inteiro de Sarah tremia.

— Papai Forbes, Papai — lamentou-se ela —, não deixe o *juju* me levar para os ancestrais.

— Ninguém vai lhe levar para longe de mim, Sarah — respondeu ele, colocando o braço ao redor dela. — Você está bem segura.

Aquela palavra de novo. Segura. O coração de Sarah se acalmou.



Ela não havia entendido nada do que ele dissera na primeira vez em que falara com ela.

— Você está segura agora — garantira o capitão, ao erguer o queixo dela para cima e tocar as marcas no rosto da garota.

Mas ela estava mesmo?

Fatmata havia dito a ela que pessoas como ele, pessoas sem pele, eram *juju*, então ela tinha recuado do toque e do cheiro dele, mas o capitão sorriera e a pegara no colo. Enquanto ele a carregava para longe da cerimônia de “libação de água aos ancestrais”, ela tremia e, temerosa de que o demônio branco estivesse levando-a para ser sacrificada, tinha mijado nele. A veste branca dela condensou, secou e começou a feder a acre debaixo do sol, mas ele não a colocou no chão. Ele a levou até os missionários.

— Mas o que fará com ela? — perguntou a Sra. Vidal.

— Vou levá-la para a Inglaterra comigo.

— Isso é prudente, senhor? — questionou o Reverendo Vidal. — Ela é uma escrava.

— Tenho certeza de que podemos encontrar um lugar para ela na escola missionária — interrompeu a Sra. Vidal. — Se ela for esperta, logo estará ajudando a ensinar aos outros.

— O Rei Gezo a deu de presente para a Rainha Vitória. Ele disse que era para contar a ela que era um presente “do Rei dos Negros à Rainha dos Brancos”.

— A audácia do homem — comentou o reverendo.

— Não é meu papel decidir o futuro dela. Vou levá-la comigo e entregá-la ao Almirantado. Mas vou precisar deixá-la com vocês até que o *Bonetta* zarpe daqui a algumas semanas.

— Não se preocupe, Capitão, cuidaremos dela — afirmou o Reverendo Vidal.

— É melhor eu começar a costurar, então. Se vai voltar com o senhor, ela vai precisar de umas roupas inglesas apropriadas — anuiu a Sra. Vidal.

— E do que a chamamos? — perguntou o reverendo.

— Ah, não havia pensado nisso.

— Bom, essas marcas tribais no rosto dela indicam que ela é filha de um chefe, então que tal Sarah, que significa “princesa” em hebraico?

— Hum, Sarah era o nome da minha mãe. Será Sarah, então. Sarah Forbes e vou adicionar o “Bonetta” em homenagem ao navio.



FATMATA

## CAPÍTULO 2

A kì í dá owo lé ohun tí a ò lè gbé

*Não se deve encostar em um fardo que não se pode carregar*

1842

**P**arir é negócio de mulher. Quando chega a hora da minha mãe, Isatu, Maluuma, minha avó, a conduz para longe dos homens em direção à cabana de parto, na extremidade da vila. Ainda não sou uma mulher, mas Maluuma me leva junto.

— Mas deixe o macaco aqui fora — comanda ela enquanto a sigo com Jabeza, como sempre, no meu ombro, agarrando-se ao meu cabelo. — Não é lugar de animal.

— Sim, Maluuma — respondo.

Ninguém discute com ela, nem mesmo meu Jaja, e ele é o chefe da vila. Amarro Jabeza à mangueira que projeta sombra na entrada da cabana e entro, para assistir minha mãe dando à luz. Esperamos, as sombras se tornam maiores, até desaparecerem, e ainda assim nada. A dor de Madu se estende pela noite quente sem luar. Ouço o barulho das cigarras e a observo deitada na esteira, arfando e grunhindo, enquanto tenta empurrar para longe o pedaço de algodão que cobre seu corpo.

— Beba — imploro à Madu, erguendo a pequena cuia cheia de água floral de mil-folhas à sua boca. — Maluuma disse que vai ajudar a criança a sair.

Madu bebe, mas ainda assim se contorce, se vira e grunhe. Balanço o leque de folha de palmeira sobre ela. A folha agita o ar, misturando a fumaça da lamparina

com a fumaça dos galhos de ervas e as bagas que Maluuma queima para ajudar a aliviar a dor de Madu.

— Você não deveria estar aqui, Fatu — afirma Madu entre gemidos. — Não deveria ver coisas assim. Volte para a nossa cabana. Vá dormir.

— Não — contrapõe Maluuma. — Na hora que o sol abrir os olhos, aquela dentro de você já vai ter saído. Fatmata sabe o que fazer. Ela tem mãos pequenas e pode ter que me ajudar a trazê-la para este mundo.

— Ela? — repito, fazendo uma dancinha.

— Sim — confirma Maluuma, assentindo. — Vejo os sinais. Será uma menina.

E é assim que sei que, enfim, terei uma irmã. Ainda que esteja difícil respirar, a fumaça fazendo meus olhos arderem, agora eu preferiria que um leão arrancasse meu braço a deixar a cabana. Não, preciso estar aqui para ouvir o primeiro choro da minha irmã.

Quando Madu começa a gritar, derrubo o leque, com o coração acelerado. A barriga dela parece ainda maior. Ela está tendo gêmeos de novo? Vão levá-los embora de novo, como fizeram antes, acreditando que gêmeos trazem azar à vila? Não vou deixar que façam isto; vou mostrar a eles que sou uma guerreira também. Não posso perder mais irmãos ou irmãs.

— Isatu, minha filha, você pode empurrá-la para fora agora — anuncia Maluuma.

Madu faz força e grita, mas nada acontece. Sento-me ao lado dela e sussurro orações a todos os deuses, e, ainda assim, nada.

— Isto será uma batalha. Dê a ela o tecido para morder — orienta Maluuma.

Madu, mastigando o tecido, rosna como um cachorro. Mas minha irmã não vem.

Por fim, Maluuma afirma:

— O orifício é pequeno. Vou precisar cortar como da última vez.

Sinto o choque me atingindo, revirando meu estômago. Como pode Maluuma cortar quando ela está quase cega, seus olhos cobertos por uma fina camada membranosa, da cor do leite aguado de cabra?

— Ogum, não leve minha Madu — oro.

Já ouvi falar sobre o corte dando errado. O que eu faria sem uma mãe? Sendo deixada com Ramatu? A primeira esposa do meu pai me odeia, a filha da terceira esposa. Não, não, não.

Maluuma tira uma faca do bolso, agacha-se aos pés da minha Madu e bebe de uma cuia.

Ela cospe a bebida no ar e em cima da faca antes de bradar:

— Ah, *Olorum*, deus de toda a criação, ajude minha filha, envie esta criança a nós em segurança. Louvado seja; lhe agradecemos.

— Vire-se — comanda Maluuma para mim, então ela corta, e Madu grita.

Sinto como se estivesse prestes a colocar para fora tudo que já comi na vida. Quando me viro, vejo muito sangue. Enxugo com palha e terra enquanto Maluuma pressiona o corte até que o sangramento pare. Ela pega uma espécie de pasta de uma jarra, esfrega-a na barriga de Madu e faz força para baixo. Minha mãe treme, respira fundo, arfa, faz força e berra. Ela está coberta de suor. Parece que o processo de trazer minha irmã ao mundo nunca terá fim. Madu solta um último grito enquanto faz força e minha irmã desliza para fora.

— *Ayee!* O cordão está enrolado no pescoço, e ela tem um *ala* na cabeça — afirma Maluuma, removendo o cordão com rapidez antes de erguer o bebê para Madu ver. — Isatu, os deuses estão com você de novo. Esta aqui também vem trazendo uma mensagem. Ela viajará para longe. Ela vem com a proteção dela, o dom dela. Você fez um bom trabalho, minha filha. *Oduduá*, homenageada seja; lhe agradecemos.

Observo o bebê se esticar, se contorcer e distorcer a pele fina e clara, o *ala*, “tecido branco”, cobrindo a cabeça dela toda. Não consigo ouvir o choro dela, mas posso ver seu rosto, achatado pelo *ala* que se move para cima e para baixo com cada respiração. Sei tudo sobre este “tecido branco” porque eu também vim a este mundo, dez safras atrás, com um cobrindo o rosto. Maluuma disse que aqueles que nasciam com um *ala* viajariam para muito longe. Mais longe do que o mercado, espero.

O corpo todo de Madu brilha como se ela tivesse se besuntado em óleo para parir a criança. Ela tenta se sentar, piscando enquanto o suor escorre pelos olhos. Enxugo o rosto dela, e ela sorri para mim.

— Você tem uma irmã de verdade agora — afirma Madu.

Concordo com a cabeça, pois até agora eu vinha fingindo que Gashida, a escravizada de Ramatu da etnia *cru*, era minha irmã. Madu estende os braços para o bebê, mas Maluuma está removendo o *ala* da cabeça da criança com cuidado,

sem rompê-lo, sem romper a sorte. O *ala* é retirado, fazendo um som sibilante quando encosta no cabelo do bebê. Minha irmã abre a boca e grita.

— Os olhos dela estão bem abertos. Ninguém nasce astuto, mas esta aqui verá tudo. Ela irá longe — anuncia Maluuma, passando o bebê que chora para mim. — Entregue ela à Isatu enquanto cuido disto aqui.

Seguro minha irmã, que é apenas um pouquinho maior que meu macaco. Analiso o rosto dela, a boca bem aberta, o nariz plano e achatado. Sopro no rosto dela e a vejo engolir minha respiração. Ela para de chorar para me encarar. Sei naquele momento que somos uma só, e, enquanto eu respirar, serei parte dela, e ela será parte de mim.

— Como ela vai se chamar? — pergunto, colocando-a nos braços de Madu.

— Criança, você sempre fazendo perguntas. Não se come um guisado fume-gante com pressa. O nome dela surgirá quando for a hora. Até lá a chamaremos de Aina, a menina nascida com uma corda no pescoço. Agora, vá buscar seu Jaja — comanda Maluuma, empurrando-me para fora da cabana.

À primeira luz do dia, corro pela vila, até o complexo do chefe, com Jabeza agarrado a mim como de costume, matraqueando no meu ouvido.

— *Ayee, ayee*, a criança nasceu — grito. — Madu trouxe uma boca nova à vila. Jaja, venha depressa.

Os aldeões saem das cabanas louvando aos deuses que resguardaram uma mãe durante um parto, que apresentaram o chefe com outro filho. Todos vão, com exceção da Mãe Ramatu, a primeira esposa de Jaja, e Jamilla, a segunda esposa. Gashida, minha amiga e irmã de mentira, escravizada de Ramatu, rasteja para fora da cabana. Ela esfrega a nuca três vezes antes de ser puxada de volta. Sorrio, porque este é nosso sinal especial, o sinal de amizade. Jaja anda devagar em direção à cabana de parto, e eu danço ao lado dele, contando sobre a chegada da menina Aina.

— Já chega — diz ele por fim. — Deixe que sua Madu me fale quando estiver pronta.

Homens não entram no local de parto; meu Jaja não quer se tornar impuro, então ele fica do lado de fora e clama:

— Traga-me o presente dos deuses, traga minha filha.

Maluuma sai com Aina pressionada ao peito plano, ressecado pela idade, sem leite para alimentar a criança que abre e fecha a boca, gritando, com fome.

Ela entrega o bebê a Jaja.

— Chefe Dauda — proclama ela, com a voz alta e nítida, para que todos ao redor possam ouvir —, você tem uma filha mulher. Ela nasceu com um cordão ao redor do pescoço e um *ala* na cabeça.

— *Ayee* — clamam as mulheres —, quanta sorte.

Jaja olha para o rosto úmido de Aina por muito tempo. Não consigo identificar o que ele está pensando. Teria ele esperado por um bebê menino para substituir...? Paro. Não posso pensar naquilo neste momento.

— E a mãe, Isatu? — pergunta ele.

— *Oduduá* a ajudou na jornada, louvada seja.

Jaja concorda com a cabeça e, mantendo o bebê perto do corpo, caminha até o centro da vila, senta-se com os mais velhos e espera pelo Pai Sorie, o *balemo*, o sábio, lançar as pedras e descobrir o verdadeiro nome de Aina. Apenas então saberemos se a criança veio para ficar. Oro para que os ancestrais enviem um nome a ela antes de se passarem muitos amanheceres.

— Venha — orienta Maluuma a mim —, ainda temos coisas a fazer pela sua mãe.

Várias mulheres vão à cabana de parto querendo falar sobre o nascimento. Quando surge o chamado da trompa, todas ficamos surpresas.

As mulheres bradam:

— O nome chegou rápido. Os ancestrais estavam esperando por ela.

— Louvada seja, *Oduduá* — murmura Madu, tentando se levantar.

Maluuma empurra Madu de volta.

— Você não pode sair ainda. Fatmata vai até o pai descobrir o verdadeiro nome de Aina para você.

— Espere — pede Madu. — Deixe que a Fatmata leve o cordão da criança até ele.

Maluuma concorda com a cabeça, abre a bolsa de pele de cabra e retira de lá dois braceletes recém-trançados feitos do cordão da criança, um verde e outro vermelho. Ela destrança o verde e o aplaina com a mão, murmurando sobre a peça, então o atira ao fogo. Ela me entrega o vermelho, o cordão que diz que outra menina se juntou ao clã.

— Vá, entregue-o ao seu pai — orienta Madu.

— Ele vai dizer a você o nome da menina em troca — adiciona Maluuma. — Vá depressa.

Apresso-me até a clareira e faço meu caminho até a parte dianteira do grupo para me ajoelhar em frente a meu Jaja.

— Chefe Dauda, outro cordão de criança para o senhor — proclamo e aguardo.

Jaja pega o bracelete trançado e ergue no alto.

— Um cordão de criança vermelho, uma menina se juntou a nós — anuncia ele ao restante dos aldeões. — Louvado seja *Olorum*. Nós lhe agradecemos; louvado seja.

Eu o observo colocar o objeto no braço, junto ao cordão vermelho correspondente a mim e ao verde correspondente ao meu irmão Amadu. Tento não pensar no outro cordão verde que não está mais ali, aquele correspondente a Lansana, meu primeiro irmão.

Embora Lansana tivesse seis safras a mais do que eu, a filha da terceira esposa de nosso pai, ele nunca me ignorou. Magro e alto, mas não tão alto quanto Jaja, Lansana podia me erguer e me balançar como se eu fosse um dos sacos de inhame que ele jogava por cima do ombro em um só movimento na época da safra. Os pés de Lansana sempre pressionavam o chão com leveza, como se prontos a correr mais rápido do que a brisa harmatã. Sempre que ele estava por perto, minhas entranhas cantavam.

Não quero pensar em Lansana agora, porque foi minha desobediência que o tornou um *osu*, uma não pessoa. Quero pensar apenas na minha irmã.

Pai Sorie pega Aina e sopra no rosto dela. Erguendo-a no alto, ele a conduz pelos quatro cantos da vila. Em cada canto ele para e grita:

— Bem-vinda, Salimatu, a filha mulher do Chefe Dauda de Talaremba.

E, toda vez, um clamor segue. Os tambores espalham a novidade. O som ergue as asas dos pássaros, para cima, para cima, o nome dela sendo carregado pelo vento, ascendendo através das árvores, flutuando pelas nuvens até as estrelas.

— Salimatu — sussurro. — Minha irmã, Salimatu, chegou.





SALIMATU

## CAPÍTULO 3

*O mau se enreda em seu falar pecaminoso,  
mas o justo não cai nessas dificuldades*

Provérbios 12:13

**JULHO DE 1850**

**E**nquanto o trem avançava, Sarah se lembrou do dia em que seu eu-Salimatu deixara Abomey. Ela ficara parada na beira da água, sem conseguir se mover. A areia molhada a prendia, recusava-se a soltá-la. O Capitão Forbes a pegou no colo, e ela ficou rígida nos braços dele. O cheiro forte dele encheu as narinas dela, privando-a do aroma doce dos mamões e das palmeiras que forravam a margem da paisagem. Salimatu fechou os olhos, não querendo ver as marcas que ela fizera na terra, não querendo ver a água dissipando-as como se ela nunca houvesse estado ali. Ela não proferiu som algum enquanto o Capitão Forbes a carregava para dentro do oceano, nem gritando com deleite, nem com dor, nem mesmo bradando quando o medo, similar a um grande pássaro, se lançou para baixo e se fincou em seu interior. Nas quatro safras desde que Salimatu fora escravizada, separada de Fatmata, ela tinha aprendido a ofuscar o medo e se manter calada.

Ela tinha menos medo do Capitão Forbes naquele momento. Eles haviam estado juntos por um círculo lunar completo desde que ele impedira o Rei Gezo de fazer dela uma de suas ofertas de sacrifício durante a cerimônia de “libação do túmulo”. Mas o oceano, este sim, a assustava. Fatmata tinha contado a ela, muito tempo antes, que *Mamiwata*, a deusa da água, habitava o grande rio e estava